



A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 447¹

Maura Oliveira MARTINS²
Anna Carolina Ulandovski AZEVEDO³
Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil, Curitiba, PR

Resumo

O presente artigo analisa as estratégias discursivas utilizadas pelo jornalismo na cobertura promovida sobre o acidente com o voo Air France 447. Tendo em vista que o jornalismo costuma fazer uso de certos recursos para criar o sentido de trágico em seu discurso, observa-se que a cobertura do acidente foi permeada por certas inovações, pois pode ser considerada mais técnica do que essencialmente trágica. A investigação pretende verificar quais as especificidades do fato em questão, que possibilita um tratamento jornalístico pouco usual a acontecimentos com características semelhantes. Como corpus representativo para tal reflexão analítica, observa-se as reportagens “O que já dizem os corpos”, publicada pela revista Veja em 17 de junho de 2009, e “A dor, o medo... e os números”, publicada em 10 de junho de 2009.

Palavras-chave: Tragédia Jornalística; Valores-Notícia; Jornalismo.

Acontecimentos sempre priorizados no jornalismo, as tragédias costumam demandar de certos recursos narrativos e discursivos cada vez que são abordadas sob a forma do produto notícia. Em pesquisa efetuada anteriormente, constatou-se que, dentre os fatores determinantes para que um fato fosse representado sob a insígnia da “tragédia”, o principal deles seria o valor-notícia que aponta números de mortos. Ou seja, um acontecimento envolvendo poucos óbitos diminuiria o preenchimento de critérios que concernem à potencialidade trágica ao fato e, por conseqüência, à configuração no formato notícia.

Tendo em vista tais pressupostos básicos constatados sobre o funcionamento da cobertura de tragédias no jornalismo brasileiro, a proposta do presente artigo é analisar uma reportagem jornalística efetuada à ocasião da queda do voo Air France 447 no

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista formada pela UFSM (2001), Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2005). Professora-pesquisadora e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil. Email: mauramartins@gmail.com

³ Jornalista formada pelas Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil (2009), aluna de Licenciatura em Letras da UFPR. Email: anna_jornal_azevedo@hotmail.com



Oceano Atlântico, ocorrida na noite do dia 31 de maio de 2009. O fato, de indiscutível proporção trágica, acarretou na morte de 228 passageiros e tripulantes, entre 80 brasileiros e demais cidadãos de 24 nacionalidades diferentes.

Ainda que o fato cumpra a prerrogativa básica do valor-notícia *número de mortes* (e também forte valor-notícia *proximidade*, em relação à quantidade de brasileiros envolvidos), observou-se que a cobertura do acidente com Air France pode ser considerada mais técnica do que essencialmente trágica – ainda que tenha sido anunciada, no corpus da presente análise, como “A Tragédia do AF 447” (capa da revista VEJA, edição 2117, em 17 de junho de 2009). Ao observar a reportagem publicada na edição referida, nota-se que há pouco aproveitamento de recursos narrativos típicos do tratamento da tragédia jornalística – como, por exemplo, o apelo humano ou a remissão aos papéis típicos do melodrama (recurso utilizado com frequência na abordagem de fatos trágicos com poucos óbitos).

Portanto, o presente artigo destina-se a investigar as estratégias discursivas e levantar hipóteses sobre as razões que ocasionaram uma espécie de perda do sentido do trágico na reportagem da revista Veja, entendida aqui como representativa da postura mantida por parte dos veículos jornalísticos brasileiros. Sob esse aspecto, propõe-se a reflexão sobre os seguintes questionamentos: há algo de específico no caso AF 447 que acarretou um abandono dos recursos jornalísticos utilizados na cobertura de tragédia nas reportagens da revista Veja? A partir desse caso, é possível inferir ainda um certo esgotamento do discurso “trágico” dentro do campo jornalístico – decorrente, talvez, de uma certa superexploração do tema?

De forma a sistematizar a reflexão proposta, intenta-se abordar o conceito de tragédia, para, por fim, analisar a especificidade da chamada “tragédia jornalística” – podendo, a partir de tais apontamentos, apresentar as hipóteses que justificariam a perda do trágico na cobertura do caso AF 447.

1. Conceitos e processualidades na tragédia jornalística

Calamidades inesperadas comovem e aterrorizam a sociedade ao converter dada situação habitual em desgraça. A esse tipo de infortúnio, que impressiona os indivíduos – independente do número de pessoas atingidas ou das proporções provocadas –, costuma-se dar o nome de *tragédia*. “A tragédia como a concebemos hoje é o



acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!” (CODATO *in* SANTOS, 2002, p. 73).

A etimologia da palavra tragédia denota aspectos, de certa forma, distantes das concepções contemporâneas. Se, hoje, tem-se por hábito atribuí-la a catástrofes que indicam padecimento e lástima, no seu surgimento, *tragédia* (τραγωιδία - τραγωιδέω) remetia, exclusivamente, a cultos mitológicos na Grécia Antiga. O termo surgiu na antiguidade grega, atrelada ao culto de adoração ao deus Dioniso.

Nesse contexto, aportam, também, as primeiras práticas discursivas (inicialmente verbais) que traziam em seus enredos narrativas de teor trágico. Tanto nas lendas da mitologia helênica, quanto nas grandes epopeias, as histórias eram pautadas, invariavelmente, por conflitos humanizados e desfechos fúnebres.

As narrativas épicas antecederam o Drama Grego. Pertenciam ao gênero dramático (século V a.C., aprox.) representações teatrais do discurso oral em verso. Essas manifestações, por sua vez, originaram a Tragédia, uma das formas de expressão do Drama. A emersão do estilo trágico fez com que histórias da mitologia fossem recontadas, ganhando releituras ainda mais cruéis.

Cabe ressaltar que a essência do trágico no classicismo helênico está intimamente relacionada a aspectos humanos, fixados em tramas sobre conflitos permeados por apelos sentimentais dos personagens, e em que o desfecho implica em consequências funestas.

Conforme nos aponta Lesky,

O que temos de sentir como trágico deve significar a queda de um mundo ilusório de segurança e felicidade para o abismo da desgraça ineludível. (...) A autêntica tragédia está sempre ligada a um decurso de acontecimentos de intenso dinamismo (LESKY, 1996, p. 33).

Sob esse aspecto e com o desenvolvimento progressivo e gradual das manifestações literárias, a ideia de tragédia foi ampliada: não apenas se referia a cânticos ritualísticos ou ao surgimento e à consolidação de um subgênero literário, mas, agora – e principalmente – estava relacionada a narrativas que, por regra, apontavam para um desfecho calamitoso.

Em decorrência das transformações semânticas, *tragédia* passou a ser atribuída a catástrofes de conseqüências amargas – sentido homólogo e em consonância com as narrativas trágicas. São trágicos, portanto, os episódios em que se configura o irromper



do cotidiano por uma calamidade de grande abrangência social, sempre associados a conflitos de ordem humana.

Ainda que as significações do termo não tenham se mantido as mesmas no decurso dos séculos – em razão de evoluções semânticas e sociais –, os relatos sobre as distintas formas de tragédia se perpetuaram, estando presentes em sociedades de diversas épocas.

Resultado da evolução de práticas literárias e concebido como um campo comunicacional – no qual se praticam rotinas discursivas (informativas, descritivas, opinativas, argumentativas ou narrativas) –, o jornalismo também aborda temáticas trágicas em suas produções variadas: “relatos de delitos, histórias fantásticas, catástrofes e desastres, que o povo da rua considera excitante, invadem os jornais. Uma mistura entre o sucesso e o trágico combina-se (...) e o acontecimento (...) desperta grande interesse popular” (HENN, 1996, p. 69). O jornalismo, nesse sentido, é uma das práticas da escrita que dão conta de narrar os eventos trágicos dados em um contexto social.

Quando das produções noticiosas, os fatos potencialmente trágicos são analisados diante de um conjunto de critérios que aferem a noticiabilidade dessas situações. A noticiabilidade ajuda a estabelecer critérios de seleção que, combinados, apontam quais casos são significativos a ponto de serem veiculados. “Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios de relevância, que definem a noticiabilidade de um fato, isto é, a possibilidade de ele virar notícia” (VIZEU in BENETTI e LAGO, 2007, p. 224).

E por que razão tragédias, por mais insólitas e cruéis que sejam, despertam curiosidade, a ponto de serem freqüentemente retratadas? Sontag (2003) disserta sobre o fascínio pelo tormento alheio e cita outros autores ao refletir a respeito da questão:

William Hazlitt (...) sobre a atração exercida pela vilania (...), indaga: 'Por que sempre lemos, nos jornais, as notícias sobre incêndios pavorosos e assassinatos chocantes?'. Porque, responde ele, 'o amor à maldade', o amor à crueldade, é tão natural aos seres humanos como a solidariedade (p. 82).

A inclinação pelo trágico, propagada pelos tempos, legítima, por exemplo, a razão das vendas quantitativas de tablóides ou de livros que se ocupam em narrar grandes catástrofes e lástimas alheias. “Se tem sangue, vira manchete, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta” (*id*, p. 20).



Uma das hipóteses aqui assumidas é a de que, ao decorrer da evolução das práticas jornalísticas, fixou-se no jornalismo o critério ‘quantidade de mortes’ como primeiro na identificação de um fato potencialmente trágico. A consolidação desse critério pode ser associada à amortização do receptor final, frequentemente exposto às notícias com desfechos fúnebres. Hohlfeldt reitera o fator numérico como valor constante para a noticiabilidade dos fatos, pois “um acidente com um só morto tem bem menor impacto do que se morrerem trinta num mesmo acidente” (2001, p. 209). Conforme coloca Traquina,

O que é que os seguintes acontecimentos, que conquistaram o consenso da comunidade jornalística nacional e, no terceiro caso, o consenso da comunidade jornalística mundial, têm em comum: a queda da ponte de Entre-os-Rios, o assassinato de seis empresários portugueses no Brasil, e o ataque ao World Trade Center de Nova York e ao Pentágono? A resposta é simples: a morte. Onde há morte, há jornalistas (...). Pedelyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais frequente do seu chefe é “Quantos Corpos?”. O jornalista explica: “Ela (o seu chefe) pergunta mesmo isso. Eu respondo: ‘São cinco’. Ela diz: ‘Não chega’ (id, p. 79).

A conceituação de *tragédia*, no entanto, se dá baseada por meio de outros tipos de apelo que, comparados ao número de mortes, podem demonstrar relevância maior – o impacto social, a instantânea alteração de um cotidiano, as causas imprevisíveis e o desdobramento das conseqüências, por exemplo. Tendo isso em vista, o jornalismo se apropria de outros recursos discursivos para apresentar como legitimamente noticiáveis os fatos que não cumprem o critério ‘quantidade de mortes’.

Entre os recursos discursivos utilizados nesses casos, observou-se⁴ que quando o fator “número de óbitos” não é, pelo menos à primeira vista, suficiente, o jornalismo se vale de outros elementos textuais, como o preenchimento de papéis narrativos típicos do melodrama. Assim, os casos ‘trágicos’, ainda que com poucos óbitos, tendem a ser narrados pela estrutura dramática típica do texto melodramático, de modo a estruturar as personagens presentes no fenômeno nos quatro papéis centrais do melodrama, conforme conceituação de Barbero (2001, p. 174): o *Traidor*, o personagem do terrível, que

⁴ Tal análise foi proposta pelas autoras em investigação anterior, no artigo “A tragédia jornalística: análise de estratégias discursivas em eventos potencialmente trágicos que não respondem ao critério ‘quantidade de mortes’”, apresentado no 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em São Bernardo do Campo/ SP, em 2008.



produz o sentimento básico do medo ao molestar a vítima; o *Justiceiro*, que representa o entusiasmo e garante um encerramento positivo à história; a *Vítima*, posicionada com a heroína, a encarnação da inocência e da virtude; e o *Bobo*, alheio à tríade dos personagens protagonistas, mas extravasa a tensão da história pelo cômico.

É o que ocorre, por exemplo, no tratamento jornalístico da morte da menina Isabella Nardoni, em 2008, em que a morte de uma criança particular mobilizou vários recursos trágicos nos textos jornalísticos circundantes ao fato. Frente à especificidade desse caso, os papéis foram sistematizados de modo evidente: no papel do Traidor, encaixa-se a madrasta⁵, típica da literatura; a Vítima incontestável é corroborada pelo fato de tratar-se de uma criança, consensualmente indefesa; o papel de Justiceiro é assumido pelos próprios veículos de comunicação, que prontamente tomam para si a responsabilidade de garantir punição e a explicitação da verdade, através das vias midiáticas; já o papel do Bobo é impossibilitado por tratar-se de um tema universal – a morte violenta de uma criança – com hábitos consolidados de representação.

A cobertura do caso AF 447 chama a atenção por romper com certos padrões típicos da abordagem jornalística de fatos trágicos. A queda do voo certamente envolve-se, de forma indiscutível, no conceito de tragédia (pois representa uma quebra inesperada da cotidianidade habitual, permeada ainda pelo forte valor-notícia quantidade de mortes). Ao mesmo tempo, seu tratamento noticioso foge do padrão típico das tragédias jornalísticas. A cobertura se apresenta como trágica, apesar de estar desvinculada de conflitos humanos e de personagens melodramáticos (o discurso jornalístico não se voltou, por exemplo, à designação de culpados ou “Traidores”, ainda que o acidente tenha decorrido de evidente falha técnica). Subjaz no caso, portanto, o seguinte questionamento: haveria algo específico na queda do voo AF 447 que justificasse a pouca utilização de recursos trágicos na sua representação e desenvolvimento dentro do campo jornalístico?

2. “Os mortos falam” – a perda do fator trágico em busca do elemento técnico na reportagem de VEJA

⁵ Arquétipo facilmente encontrável em contos de fadas, como Branca de Neve e Cinderella. A idéia da madrasta má ainda foi aproveitada por Shakespeare na peça *Péricles, Príncipe de Tiro*. Pode-se ainda inferir que o pai se encaixa no papel do Traidor, polarizando com a figura da mãe, a quem culturalmente credita-se um vínculo mais ‘intenso’ com o filho; causaria ainda mais estranheza, por exemplo, caso a mãe fosse colocada como responsável pelo assassinato. Porém, o papel de Traidor do pai é reiterado pela associação com a madrasta que, conforme colocado, é correntemente agregada ao papel de vilã.



Nessa análise, intenta-se oferecer algumas hipóteses que funcionariam como pistas para entendermos a especificidade do caso AF 447 e, conseqüentemente, da cobertura concretizada a partir de seus desdobramentos. Para tal observação, investigou-se a reportagem “O que já dizem os corpos”, assinada pelo jornalista Leonardo Coutinho, na edição de 17 de junho de 2009 – publicada, portanto, após duas semanas da ocorrência dos fatos.

A reportagem – anunciada na capa pela manchete “Os mortos falam – o que as fraturas, o estado da pele, dos dentes e das roupas das vítimas falam sobre o misterioso acidente do Airbus” – envolve 11 páginas da revista, todas elas cercadas de ilustrações, fotos e infográficos de teor essencialmente técnico. Parecem remeter, portanto, muito mais a um relatório forense⁶ do que a uma típica cobertura jornalística de fatos com tais características. As chamadas de capa confirmam a qualidade técnica da reportagem (“Pitot: por que uma peça de 20 centímetros pode até derrubar um avião de 230 toneladas”) e espantam-se ainda com o ineditismo desse fato, e de casos semelhantes (“A incrível história do Boeing que passou pelo mesmo drama mas escapou”).

Observa-se desde a capa, portanto, uma espécie de quebra da sobriedade no tratamento de um fato envolvendo uma alta quantidade de mortes. A abordagem pelo pitoresco, pelo curioso, pareceria inaceitável na cobertura de tragédias anteriores, como o acidente com o Airbus A320 da TAM no Aeroporto de Congonhas, em 2007, ou mesmo da morte da menina Isabella Nardoni, em 2008. Aparentemente, as tragédias são cercadas de hábitos de representação, conforme a perspectiva semiótica – ou seja, por tratarem de um tema universal (a morte) abordado desde os primórdios dos discursos literários, as tragédias possuem formas consolidadas de representação. Pode-se ainda lembrar que “quanto mais estranho, singular e admirável for o fenômeno, mais exigirá que elaborem novos signos para representá-los” (SILVEIRA, 2003, p. 4) – ou seja, temas muito explorados nos discursos costumam cercar-se de formas de representação que dificilmente poderão ser invertidas dentro de uma cultura. Abordar a morte da menina Isabella Nardoni por um viés cômico, por exemplo, seria um tabu, certamente condenado na instância da recepção.

Ainda que a capa ainda seja anunciada com uma cartola que indica “A Tragédia do AF 447”, pode-se mesmo deduzir que o tom assumido pelo discurso de *Veja* é quase celebrativo dos avanços tecnológicos que acarretam que a referida tragédia sirva para

⁶ Poderia-se ainda inferir que tal abordagem remeteria mais a práticas de jornalismo científico (como a revista *Superinteressante*, apenas para citar um exemplo) do que a uma revista generalista como *Veja*.



esclarecer questões científicas e auxiliar o desvendamento de outros casos. O tom aparece logo na abertura da reportagem, em que a ‘nobreza’ e a ‘contribuição’ dos mortos aos vivos é comparado à ação feita pelos doadores de órgãos: “As primeiras vítimas resgatadas no mar têm agora uma última e nobre missão: fornecer, através do exame de seus corpos por especialistas, informações preciosas sobre o que causou a tragédia. Como os doadores de órgãos, eles sobreviverão nas vidas que ajudarão a salvar” (p. 68).

Há, inegavelmente, um tom formal e mesmo de deferência na abordagem dos mortos, elevados à condição ‘nobre’ de auxiliar os vivos. Ainda assim, é possível analisar uma certa quebra no hábito de representação da tragédia nas páginas seguintes da reportagem. Através de um material infográfico, lista-se o que os peritos podem inferir sobre as causas do acidente a partir do estado em que os corpos foram encontrados. Os corpos, portanto, são tratados aqui como meras pistas, concretizando a prosopopéia presente no título da matéria (“Os mortos falam”). A abordagem da reportagem é (estranhamente) objetiva, observando apenas a materialidade dos mortos, como se fossem desconectados do público leitor. O texto é ainda cuidadosamente detalhista sobre os danos observados nos cadáveres (“pela data do acidente, os corpos já estão prestes a entrar na terceira fase do processo de decomposição, a chamada esqueletização. Nessa etapa, os gases que trazem os corpos para a superfície começam a escapar devido à degeneração dos tecidos e os cadáveres voltam ao fundo do mar”, diz na página 75).

É importante considerar que a cobertura do acidente promovida pela Veja não deixou de lado um dito ‘sofrimento coletivo’ – mesmo porque a edição anterior, cuja capa anuncia o especial “A Tragédia do AF 447”, seguiu padrões típicos da abordagem trágica, como listar personagens e suas respectivas histórias de vida. O fato é que, em comparação ao espaço dado à abordagem técnica (sobretudo na edição seguinte), e levando-se em conta que essa linha pericial fez de elementos humanos ‘pistas’ para um quebra-cabeça, pode-se inferir que a essência do trágico foi estremecida. Essa quebra é aferida pelo amplo espaço dado ao enfoque técnico, deixando histórias humanizadas (é preciso lembrar que o aspecto humano é um dos elementos principais da tragédia) relegadas a um foco menor - menor tanto em relação aos aspectos técnicos, como menor



também frente ao apelo humano explorado, por exemplo, na tragédia de Congonhas (17 de junho de 2007)⁷.

Cabe observar o especial “A Tragédia do AF 447” (edição 2116, de 10 de junho de 2009 – a primeira publicada após a queda do A330 da Air France - tempo razoável para a investigação das histórias de vida dos mortos envolvidos e de suas famílias). A reportagem completa ocupa 13 páginas da revista, e é subdividida em matérias menores. Dessas, obviamente – e como seria de se esperar em uma cobertura sobre uma tragédia de proporções tão graves como a do AF 447 (inclui-se o elevado número de mortos) -, o texto “E tudo se dissipou no ar” (p. 86) traz a desgraça das vidas perdidas dentro da aeronave. A matéria explora, em tom extremamente emotivo, o romper de sonhos dos passageiros que se dirigiam a Paris naquele voo. Aqui se encontra, claramente, o apelo sentimental, que resgata o sentido da tragédia jornalística (e, por que não dizer, das narrativas clássicas).

Mesmo nessa edição, porém, em que se aguardaria destaque ao enfoque do conflito humano, a abordagem maior (quantitativa e qualitativa) se destinou a aspectos técnicos, na tentativa de elucidar hipóteses sobre o que teria ocorrido com o avião – erros e processualidades da máquina, enquanto instrumento.

Exemplo do rompimento do trágico em uma matéria que faz parte do especial, intitulado sob a alcunha de “tragédia”, ocorre em “O Cenário do Desastre” (p. 78). Nesse caso, as informações estão divididas em atos que narram os últimos momentos do voo antes da queda. A categorização (expressa, inclusive, na gravata “Uma Tragédia em cinco atos”) faz alusão às tragédias enquanto representações dramáticas.

No entanto, apesar da tentativa de referência à tragédia clássica, em nenhum dos atos descritos passageiros e tripulação foram fixados como elementos principais na composição da trama. Aqui se configura a quebra do sentido da tragédia jornalística, tendo em vista que as falhas operacionais da aeronave ganharam destaque em detrimento da participação humana. Um texto cujo enredo não se fez por pessoas e no qual os personagens centrais são equipamentos.

O enfoque pericial se seguiu na edição seguinte (como já discutido), que rompe com os principais critérios de noticiabilidade de tragédia jornalística (cita-se,

⁷ Diante da cobertura jornalística promovida sobre o acidente com o voo da TAM no Aeroporto de Congonhas (VEJA, edições 2018 e 2019 – 2007), a cobertura do acidente com o Air France (VEJA, edições 2116 e 2117 – 2009) pode ser considerada mais técnica do que essencialmente trágica.



novamente, a fala de HENN (1996), que ressalta as histórias fantásticas de catástrofes e desastres, na combinação entre o sucesso e o trágico).

Ambas as edições da publicação promovem um enfoque técnico detalhado e minucioso, na tentativa de formular e elucidar teorias sobre o que teria ocorrido com a aeronave da companhia aérea francesa. A busca pelas respostas sobre o desastre recebe atenção maior frente à face da essência trágica – sofrimento, pânico, piedade, compaixão, por exemplo. Essa conjectura “pericial” se faz notar nas manchetes de capa dos números 23 e 24 (respectivamente): “Por que falhou a novíssima tecnologia de bordo que deveria ter salvado o A330 da Air France pego por tempestades no meio do Atlântico? – O futuro da aviação depende da resposta a essa pergunta”. (VEJA, 2009) e “O que as fraturas, o estado da pele, dos dentes e das roupas das vítimas já revelaram sobre o misterioso acidente do Airbus”. (VEJA, 2009).

Não se busca criticar, nessa análise, o viés técnico que a publicações destinam ao acidente (mesmo porque essas informações permitem com que o leitor possa compreender o que ocorreu para que o desastre culminasse). A proposta é a reflexão sobre as distintas possibilidades de cobertura de tragédias – desde as melodramáticas, passando por aquelas em que a quantidade de mortos é fator primeiro, até o exemplo do Air France e os aspectos técnicos levantados.

3. Considerações finais – algumas hipóteses sobre a perda do tratamento trágico na cobertura do caso AF 447

De forma a suscitar futuras reflexões sobre as abordagens discursivas e narrativas na editoria “tragédia”, intenta-se, por fim, levantar proposições que expliquem as razões que possibilitaram uma certa perda do elemento trágico na cobertura do caso AFF 447. Tais questionamentos sugerem, em sua essência, uma investigação inicial: há peculiaridades intrínsecas ao episódio AF 447 que proporcionassem ao jornalismo certo rompimento com o tratamento típico de fatos trágicos?

Talvez se possa inferir que a perda da sobriedade na abordagem do caso se justifique pela utilização, por parte do jornalismo, de um certo sentido de distanciamento espacial – como se permeasse o acontecimento de um tratamento típico de tragédias sem o valor-notícia “proximidade”⁸. O fato de não ser uma tragédia exclusivamente brasileira talvez possibilite a abordagem técnica e objetiva do caso, e mesmo minimize o recurso

⁸ Pois é inegável que a morte singular da menina Isabella Nardoni, por exemplo, tem mais valor jornalístico no país do que a morte de centenas de indivíduos de outros países.



discursivo de se procurar culpados e vítimas, conforme os papéis de um melodrama. Tendo em vista que o problema (falhas técnicas, defeitos em peças utilizadas) parece geograficamente distante, torna-se menos urgente a construção de um discurso que busque causas, responsáveis e soluções.

Em relação às tragédias envolvendo acidentes, pode-se observar a queda do avião em 2007 foi aos olhos do público, gerando proximidade. Ainda que a exposição dos corpos e das imagens dramáticas, logicamente, não tenha sido apresentada pela maioria dos veículos jornalísticos, o público assistiu à explosão, viu o avião – o que tornou a tragédia mais ‘palpável’ e próxima, em relação à explosão do avião da Air France 447, do qual não temos fotos. As fotos, dessa forma, ajudariam a fixar o sentimento do trágico, conforme preconizava SONTAG (2003) – e a ausência delas provoca uma dificuldade em gerar efeitos de proximidade e empatia dos espectadores em relação ao caso.

Por fim, uma hipótese também passível a ser investigada é averiguar se a proximidade do caso AF 447 com alguns textos típicos da cultura da mídia – como a celebrada minissérie *Lost*⁹, cuja trama é centralizada justamente no desaparecimento de um avião – possibilitaria um tratamento menos sóbrio da tragédia em questão. Tendo em vista que a cultura da mídia se apresenta atualmente como uma forma dominante de cultura contemporânea, criadora de formas ideológicas que fazem circular imagens, discursos e mitos (KELLNER, 2001), sua onipresença talvez tenha sugerido ao jornalismo a abertura de um leque de possibilidades não-trágicas para a abordagem de um importante (e devastador) acidente aéreo como o AF 447.

Referências bibliográficas

BENETTI, Marcia; LAGO, Claudia (org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COUTINHO, Leonardo. **O que já dizem os corpos**. Revista Veja: edição 2117, ano 42, nº 24. 17 de junho de 2009.

FAVARO, Tomaz; FRANÇA, Ronaldo; NEIVA, Paula; NARLOCH, Leandro; ROMANINI, Carolina; TEIXEIRA, Duda. **A dor, o medo... e os números**. Revista Veja: edição 2116, ano 42, nº 23. 10 de junho de 2009.

⁹ Ou mesmo com textos clássicos da literatura, como *Robinson Crusó* (1719), de Daniel Defoe, ou mesmo *As Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift.



HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: Ulbra, 1996.

HOHLFELDT, Antonio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação**. (in) HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SANTOS, Volnei Edson dos. **O Trágico e seus rastros**. Londrina: Editora UEL, 2002.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.